

ESCOLA \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

PROF: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

NOME: \_\_\_\_\_

### **Predicativo do sujeito**

**Leia:**

#### **Nossa vida**

Lá em casa, a situação estava difícil. O pai tinha ficado desempregado. A mãe achava que qualquer trabalho podia pelo menos pagar a comida. A gente morava em Mambaí, Estado de Goiás. Aí apareceu um emprego numa fazenda pro lado dos Gerais da Bahia, bem perto da fronteira. Fui trabalhar junto com meus irmãos nessa tal fazenda. Era o projeto de um grande banco, apoiado pelo governo.

A fazenda dizia que pagava o salário, mas nunca existiu salário nenhum. No final do mês, tudo que se comia ou se usava era descontado. Não sobrava nada de dinheiro. E a gente era obrigado a trabalhar de sol a sol.

– Trabalho escravo – disseram os peões de Mambaí que já tinham passado por isso.

– Mas usar criança é judiação! – falou um dia o dono do bar.

Disseram também que essas fazendas usam crianças como trabalhadores porque fica mais barato. Quatro ou cinco custam o mesmo que um adulto, comem menos, obedecem melhor e cada uma faz o trabalho de gente grande.

O capataz da fazenda dizia que o dinheiro podia sobrar se a gente trabalhasse direito. Ouvei falar de gente que saiu de lá com dívida, mas não com dinheiro.

Se pelo menos a gente estivesse se alimentando bem... Minha mãe não sabia que a comida na fazenda era ruim. Achava que era frescura de criança. Mas não era, não. De manhãzinha, café aguado com pão duro. No almoço, só coisa de entupir – macarrão puro ou arroz com farinha.

Pro serviço na fazenda render, o capataz fazia a gente trabalhar firme. Eu tenho catorze anos. Sou forte. Mas meus irmãos e um monte de outras crianças com corpinho fraco faziam serviço pesado de adulto – roçar e capinar era duro de lascar, mas a gente ainda aguentava. O pior era carregar carrinhos de mão pesados, cheios de material para a lavoura.

Ninguém tem ideia da vida dura que a gente levava nessa fazenda dos Gerais da Bahia.

Paula Saldanha. “Heróis dos Gerais”. São Paulo, FTD, 1998, p. 7-9.

**Questão 1** – O narrador expõe a opinião sobre o trabalho na fazenda, por meio do emprego de um predicativo do sujeito em:

- a) “A fazenda dizia que pagava o salário, mas nunca existiu salário nenhum.”
- b) “Pro serviço na fazenda render, o capataz fazia a gente trabalhar firme.”
- c) “[...] roçar e capinar era duro de lascar [...]”
- d) “Ninguém tem ideia da vida dura que a gente levava nessa fazenda dos Gerais da Bahia.”

**Questão 2** – Assinale a frase em que o adjetivo destacado desempenha sintaticamente a função de predicativo do sujeito:

- a) “Era o projeto de um grande banco, apoiado pelo governo.”
- b) “Minha mãe não sabia que a comida na fazenda era ruim.”
- c) “No almoço, só coisa de entupir – macarrão puro ou arroz com farinha.”
- d) “O pior era carregar carrinhos de mão pesados, cheios de material para a lavoura.”

**Questão 3** – Na passagem “Sou forte”, o predicativo “forte” indica:

- a) um atributo do narrador-personagem.
- b) um estado do narrador-personagem.
- c) uma ação do narrador-personagem.
- d) um modo de ser do narrador-personagem.

**Questão 4** – Identifique:

“Lá em casa, a situação estava difícil”.

- a) o sujeito da oração: \_\_\_\_\_
- b) o verbo: \_\_\_\_\_
- c) o predicativo do sujeito: \_\_\_\_\_

**Questão 5** – Em todas as frases, “degradante” funciona como predicativo do sujeito, exceto em:

- a) Que situação degradante era aquela!
- b) Ele sofria muito com aquela situação degradante.
- c) O trabalho na fazenda ficava cada vez mais degradante.
- d) A situação dos funcionários permaneceu degradante.

**Questão 6** – O verbo, que une o sujeito ao predicativo, denomina-se:

- a) verbo de ligação
- b) verbo intransitivo
- c) verbo transitivo direto
- d) verbo transitivo indireto